

abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual
Clipping da imprensa

Brasília, 25 de junho de 2024 às 08h02
Seleção de Notícias

Terra - Notícias | BR

Direitos Autorais

Gravadoras se unem e processam empresas de IA nos EUA por violação de direitos autorais	3
NOTÍCIAS BEATRIZ VASCONCELOS	

Arbitragem e Mediação

Mediação deve fazer parte do compliance nas organizações	4
NOTÍCIAS	

O Globo | BR

25 de junho de 2024 | Direitos Autorais

Pedro Doria	5
PEDRO DORIA	

Gravadoras se unem e processam empresas de IA nos EUA por violação de direitos autorais

NOTÍCIAS



Segundo grandes gravadoras como Sony Music, Universal Music Group e Warner Records, esse uso não licenciado visa treinar sistemas que aprenderiam a compor músicas

O cenário musical está mais uma vez no centro de uma polêmica tecnológica e judicial. Recentemente, gravadoras importantes como Sony Music, Universal Music Group e Warner Records lançaram um ataque legal contra duas startups de inteligência artificial, Suno e Udio. O litígio, que ocorre em um contexto de crescentes tensões entre criação tradicional e inovações disruptivas, traz à superfície debates importantes sobre os limites da tecnologia na arte.

O desencadeador da disputa foi a alegação de que estas empresas de IA utilizaram músicas dos acervos das gravadoras sem autorização prévia. Segundo as gravadoras, esse uso não licenciado visa treinar sistemas que aprenderiam a compor músicas, posicionando-se no mercado de modo a competir diretamente com músicos humanos. Esse cenário não só reduziria o valor comercial das obras originais, como também poderia eventualmente diminuir a relevância do talento humano na indústria musical.

O que está em jogo com o uso de IA na música? A iniciativa das gravadoras se expressou por meio de processos judiciais movidos em Nova York contra a Udio e em Massachusetts contra a Suno. Alegações destacam o risco dessa nova tecnologia "suprimir" a

arte criada por seres humanos, apontando para uma possível desvalorização do trabalho artístico que sustentou a indústria da música por décadas.

Até o momento, representantes das empresas Suno e Udio mantêm-se silenciosos quanto às acusações, não tendo respondido às tentativas de contato para comentários sobre o caso. Este silêncio pode ser interpretado de diversas maneiras, mas certamente não contribui para a imagem das startups perante o público e outros stakeholders da indústria musical.

Existe um caminho para a coexistência entre IA e artistas? Mitch Glazier, presidente da Associação de Gravadoras dos Estados Unidos (RIAA), aponta para um caminho de coexistência possível, mas dependente do compromisso de empresas de IA em colaborar efetivamente. Segundo ele, "a comunidade musical abraçou a IA", já existindo um esforço para integrar tecnologias de forma que ambas as partes, humanos e máquinas, possam beneficiar-se mutuamente. No entanto, para que este futuro se concretize, é imprescindível que as novas tecnologias operem dentro dos parâmetros legais e éticos estabelecidos.

(1/8) Today, a group of music companies filed important new lawsuits against two AI music companies, Suno and Udio. I explained why this case matters so much in Billboard today. <https://t.co/EK01yHMTDe>

- Mitch Glazier (@mitch_glazier) June 24, 2024

*texto sob supervisão de Tomaz Belluomini

Mediação deve fazer parte do compliance nas organizações

NOTÍCIAS



Pesquisa aponta que 73% das empresas entrevistadas no país possuem projetos consistentes de investimentos em treinamentos de conformidade com as leis em implementação

A prática de compliance está em alta no mundo corporativo. Um estudo desenvolvido pela Deloitte, companhia do setor de auditoria e consultoria empresarial e de gestão de riscos, mostra que essa é uma prática que está no radar da maioria das organizações. A pesquisa, intitulada Integridade Corporativa no Brasil: evolução do compliance e das boas práticas empresariais nos últimos anos, realizada em 2022, apontou que 73% das empresas entrevistadas no país tinham projetos consistentes de investimentos em treinamentos de conformidade com as leis até o fim de 2024.

Além de incorporar recursos e know-how que dêem transparência e controle rigoroso sobre qualquer risco de irregularidade, as empresas também devem considerar a **mediação** como meio de combater, de forma célere e eficaz, os conflitos que o compliance evita. "As práticas de conformidade dizem como fazer de forma correta e o que não se deve fazer. Mas quando algo sair do lugar devemos recorrer a práticas dialógicas para resolver", explica Camila Linhares, da Unniversa Soluções de Conflitos, empresa especializada em mediações e diálogos.

municar de ferramentas que tornem a eliminação dos problemas mais rápida. É como um seguro de carro ou residencial: você faz torcendo para nunca precisar. Mas sabe que ele precisa ser bom e o mais completo possível, porque, quando for necessário recorrer, ele tomará decisões rápidas e certas", compara a CEO da Unniversa.

Na prática, a **mediação** age contornando os conflitos que possam surgir num ambiente corporativo já controlado por todas as leis e normativas que interferem no seu campo de atuação. "Chega a soar como ironia uma empresa que se prepara meticulosamente para não ter mais problemas com o poder público, com o Poder Judiciário, com clientes ou fornecedores, deparar com uma situação de conflito em que ela fica à mercê de uma decisão judicial muitas vezes por alguns anos. Ela não quer protelar as divergências, mas dar fim a elas de forma rápida", explica Alynne Liboreiro, advogada especialista em Compliance.

Para isso, ele orienta que as empresas trabalhem com esses dois setores de forma integrada. "Numa organização onde o compliance esteja incorporado, ele e a **mediação** se completam mutuamente. É necessário que ambos estabeleçam um canal estreito de comunicação, tornando um incorporado ao outro. É difícil de imaginar que um possa funcionar plenamente sem o outro dentro desse ambiente corporativo", finaliza Alynne.

Website: <https://www.instagram.com/unniversamultiportas>

"A empresa que adota o Compliance também deve se
abpi.empauta.com

Pedro Doria

PEDRO DORIA

Pedro Doria

Trabalhe para a Meta

Sem fazer muito alarde, a Meta divulgou uma nova política de privacidade em que revela: usará que publicamos no Facebook e no Instagram para treinar sua inteligência artificial. Provavelmente tinha a esperança de que ninguém percebesse. Não deu. À União Europeia mandou barrar a mudança - por lá, já existe regulação suficiente para isso. Nos Estados Unidos e por aqui não teve jeito. Fomos atropelados. Mas, por trás da notícia, existem alguns debates importantes. O primeiro é sobre autoria. Sobre **direito** autoral.

Um modelo de IA requer grande quantidade de dados para ser treinado. Se é um modelo que gera imagens, precisa de muitas imagens. Se gera texto, exigirá muito texto. Vídeo - mesma coisa. Quanto maior o banco de dados, quanto maior o poder de processamento dos computadores que treinam esses modelos, melhor o modelo de IA. A Microsoft pretende investir US\$ 100 bilhões nos próximos quatro anos em parques de computadores só para treinar modelos mais e mais sofisticados.

Esse material não é fielmente reproduzido. Um modelo voltado para imagens, como DALL-E ou Midjourney, não produz uma Guernica igualzinha só porque as obras completas de Pablo Picasso fizeram parte do treinamento. Os dados servem a modelos estatísticos, alimentam a compreensão que o sistema tem do que compõe uma frase, de como representar um cavalo, ou mesmo um cavalo em desespero no estilo cubista. Não há plágio.

Mas há problemas. Existe um número pequeno de artistas que produzem imagens para manuais de Dungeons & Dragons, um RPG, jogo baseado em livros e histórias bastante populares. Esses artistas não são mui tos, mas, no mercado americano, consegui: am

viver de produzir aquelas imagens com dragões, duendes, magos e cavaleiros para os livros com roteiros de jogos, que vendem como água. Esse mercado está desaparecendo. Como os modelos mais sofisticados foram treinados com muita gente naquele estilo, as editoras não precisam mais pagar caro pelas artes. A IA faz.

Os artistas não foram remunerados pelo uso de seus estilos no treinamento e, agora, o computador faz com bastante qualidade o trabalho dele:

É um problema ético novo. Não está claro com os e encaixa **direito** autoral nisso.

A Openal, responsável pelo ChatGPT, vem assinando contratos de cessão de direitos com veículos de imprensa. O Financial Times é um deles. Por via das dúvidas, a empresa achou melhor começara pagar para usar. Foi também processada pelo New York Times - afinal, treinou o GPT 4 usando o acervo do jornal sem pedir licença. Inúmeros escritores, entre eles Stephen King e John Grisham, como o Times, processaram a companhia. Pela mesma razão - há livros inteiros deles usados para treino.

Muitos na indústria de tecnologia argumentam que o treino configura uso legítimo - fair use, em inglês. Pode-se mexer na letra de uma música para uma paródia, e aí não é plágio. É uso legítimo. Há muito existe essa provisão no debate sobre **direitos** autorais. Todos podemos nos alimentar da cultura que existe para construir algo original que, ainda assim, seja uma referência ao que foi previamente concebido. Será que não se enquadra? É um argumento.

Mas há uma discussão mais profunda aí. Não lidamos bem, na verdade lidamos cada vez pior, com as grandes plataformas gratuitas da **internet**. Não importa se é uma rede social, um grande portal de vídeos, hospedagem de blogs. Se é gratuito, se não pagamos nada para estar lá, é por que o produto so-

Continuação: Pedro Doria

mos nós. Estamos constantemente produzindo conteúdo, todos, para que as plataformas ganhem dinheiro. E elas são as companhias mais bem-sucedidas da história do capitalismo.

Sabemos disso. Sabemos que trabalhamos de graça. Que o retorno é pequeno e para poucos. O YouTube é exceção, compartilha um pouco de seus ganhos um pouco, porém muito mais que as outras. As plataformas da Meta são uma piada - não devolvem praticamente nada nem àqueles com milhões de seguidores que trabalham diligentemente para ganhar de outras formas. O TikTok não é muito diferente.

As plataformas consideram que o conteúdo que produzimos coletivamente é delas. Podem não dizer isso com clareza, mas seu negócio é ganhar dinheiro com nosso trabalho. E ainda assim trabalhamos. Como facilitam também a manipulação política, foram capazes de erguer uma blindagem com parlamentares que se interessam em manter o jogo como está. Sistematicamente, aqui como nos Estados Unidos, a tentativa de regular não prospera.

O debate sobre **direito** autoral na inteligência artificial é complexo. O debate sobre a postura das plataformas, não. Esse é bem simples.

Índice remissivo de assuntos

Direitos Autorais

3, 5

Arbitragem e Mediação

4